

SENHOR, AFASTA-TE DE MIM PORQUE SOU PECADOR

Ana Maria Spannemberg¹
Pe. Cassiano Alberto Pertile²
Pe. Ivanir Antonio Rodighero³

INTRODUÇÃO

A dinâmica da Iniciação à Vida Cristã manifesta-se em meio à cotidianidade da existência humana. Não é propriamente um elemento teofânico que desvela o desejo do seguimento concreto e real à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo. Antes, porém, assim como a dinâmica vocacional, o desejo do seguimento a Jesus surge e se desvela no ambiente natural, no convívio pessoal. Aliás, quando o seguimento a Jesus Cristo se manifesta a partir de fatos “aleluiados”, ou seja, fora da realidade ou desconexos dos dramas existenciais, corre-se o risco de não possuir raízes profundas e acabar eliminando a historicidade que nos constitui.

Diante desta premissa, procuramos refletir a partir do texto bíblico de Lc 5,1-11 como acontece o processo de Iniciação à Vida Cristã e como, por consequência, desabrocha a dinâmica vocacional dentro de um itinerário espiritual de tomada de consciência dos dramas pessoais, e do aprofundamento da Palavra de Deus. Para a sistematização deste trabalho, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica, dividindo o texto em quatro sessões, reunindo e organizando reflexões produzidas anteriormente em outras áreas da teologia, como a espiritualidade e a práxis pastoral. Antes de trazer respostas e esquemas prontos diante do desafio que

¹ Acadêmica do Bacharelado em Teologia na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades.

² Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas e Licenciado em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Vigário da Paróquia São Cristóvão de Passo Fundo.

³ Mestre em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo e Diretor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades.

se constitui o processo de Iniciação à Vida Cristã e de descoberta da vocação humana fundamental, o presente texto procura apresentar de forma sistematizada aquilo que é, na verdade, um itinerário pessoal e processual diante do mistério da vocação humana.

1 A INICIAÇÃO CRISTÃ A PARTIR DA PERSPECTIVA BÍBLICA

O texto bíblico segundo São Lucas, que narra o chamado dos quatro primeiros discípulos explicita esta dinâmica “natural” do processo de Iniciação à Vida Cristã. Conforme narrado na perícopre 5,1-11, Jesus estava na Galileia, logo no início do seu ministério público. Anteriormente, ele havia apresentado o seu programa de ação; o seu projeto de atuação ministerial (Lc 4,14-30) numa sinagoga de Nazaré. O programa de ação de Jesus havia causado uma revolta entre as autoridades, sendo que chegaram a levá-lo para o cimo de uma montanha para lançá-lo do precipício. Mas Jesus se esquivou e passou no meio deles (Lc 4,29).

Agora, começavam a se perceber os primeiros resultados do anúncio do seu programa de ação: estava se formando um grupo de pessoas que o seguiam para escutar o que ele tinha a dizer. Era um bom sinal: os pobres haviam se agrado da proposta que Jesus havia feito desde o seu anúncio na sinagoga de Nazaré. Rinaldo Fabris comenta que: “Os de Nazaré o recusaram, mas os de Cafarnaum queriam retê-lo para si, sequestrá-lo”⁴. Ou seja, os empobrecidos que viviam do pescado às margens do lago que havia em Cafarnaum viram uma centelha de esperança na proposta do nazareno. Pagola afirma que “aqueles pescadores não procuraram milagres, como os moradores de Nazaré. Querem ouvir a palavra de Deus. É disso que precisam”⁵.

⁴ Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

⁵ José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 94.

2 A VOCAÇÃO É DESPERTADA NO AMBIENTE DE CADA CRISTÃO

Os primeiros versículos do trecho em questão (v.1-2) descrevem que Jesus subiu numa das barcas que estava ancorada na margem e de lá ensinou. Aqui temos inúmeros elementos importantes que constituem o cenário teológico do processo de Iniciação à Vida Cristã. Destacam-se dois. Primeiramente, constata-se o dado importante de que os pescadores estavam lavando as redes. “É a situação do povo que Jesus encontra: faminto da palavra libertadora; um povo que luta para sobreviver e nada mais tem a fazer senão lavar as redes, que estiveram vazias a noite toda”⁶. A proposta do chamado vocacional, que se liga diretamente com a iniciação cristã, acontece a partir dos dramas e das mazelas que tocam o mais íntimo das nossas comunidades, até mesmo quando a esperança está enfraquecida. Seguir Jesus Cristo não pode ser sinônimo de fuga da realidade que nos cerca, mas de mergulho nela com o olhar da fé.

Em segundo lugar, Jesus inseriu a Palavra de Deus na vida do povo. O que exatamente Jesus ensinou não sabemos, mas o certo é que ele não partiu de si próprio:

No começo ele anuncia a palavra de Deus ao povo que se amontoa à margem; é por causa da palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo e é ainda por causa da sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, põe-se a segui-lo⁷.

Com certeza aqui está uma chave de leitura muito importante para toda a práxis evangelizadora: o anúncio e a palavra anunciada não devem partir do próprio agente de pastoral, mas deve ser a palavra de Deus que vai abrindo caminhos. “É o que se deve esperar sempre de um pregador cristão. Uma palavra dita com

⁶ José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 594.

⁷ Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

fé. Um ensinamento arraigado na palavra de Jesus [...]. Jesus põe o povo em comunicação com Deus”⁸.

Outro dado importante é que Jesus anunciou a boa-nova às margens do Lago de Genesaré. O lago era um lugar livre dos vícios e das ideologias da sinagoga. Se antes o programa de Jesus, embasado na palavra do profeta Isaías 61,1-2 havia incomodado os chefes do povo, que ocupavam a direção dos espaços públicos e religiosos, agora a realidade concreta do povo pobre acolhia a proposta de Jesus e vibrava com esperança. A barca remonta à imagem semiótica de um “novo lugar”, diferente da sinagoga que estava contaminada pela ideologia dos fariseus e dos seus escribas. Por isso mesmo é que o povo esperava uma palavra que provocasse a novidade, promotora de vida⁹.

Aqui entram em jogo pelo menos dois aspectos consideráveis para o processo de iniciação cristã. Precisamos com urgência abandonar certas práticas e formas de catequese que se mostram inoperantes diante da realidade complexa da iniciação cristã e que dão uma falsa segurança de que estamos no caminho certo segundo critérios equivocados especialmente no que diz respeito ao quantitativo. É preciso abrir espaços novos, caminhar e permanecer com o povo das diferentes periferias, onde estão aqueles sedentos pela Palavra, pelo *kerigma* libertador. Em segundo lugar, a iniciação deve ter a audácia de partir dos dramas concretos do povo, falar a partir da realidade sentida e experienciada. Jesus não elaborou uma teoria sobre a forma de pescar ou mesmo sobre os dramas econômicos que aquele povo enfrentava. Antes, ele partiu da situação concreta: não conseguiam pescar, porém é preciso pescar diferente.

⁸ José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 94.

⁹ José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 595.

3 JESUS TOMA PARTE DA REALIDADE DA VIDA

O versículo três relata que o Mestre proferiu o seu ensinamento da barca de Simão. “Jesus assumiu a condição daqueles pescadores frustrados pelo insucesso da noite. Ele se afastou um pouco da margem não para se isolar das pessoas e de suas angústias, mas para vê-las todas de frente, para comunicá-lhes a palavra que irá trazer-lhes a novidade da vida”¹⁰. Vários elementos entram em cena aqui. Primeiramente, Jesus sentou-se. Esta era uma atitude de quem ensinava com autoridade. Entretanto, nesse processo de anúncio e de ensino que Jesus fez, o que ele poderia ter ensinado àquele povo pobre e necessitado do essencial para a sua vida?

Possivelmente, o ensino de Jesus deve ter se concentrado na necessidade de mudar de métodos, reinventar caminhos: “faze-te ao largo, lançai vossas redes para a pesca. Simão respondeu: Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanhar, mas porque mandas, lançarei as redes” (Lc 5,4). Muitas vezes, a proposta de Jesus parece ser ilógica, irracional e até mesmo desfocada da realidade.

Pois de qual realidade partimos exatamente? Se tivermos como ponto de partida a realidade e a estrutura social que nos cerca estaremos sempre desfocados e deslocados da vida do povo. O processo de Iniciação à Vida Cristã prevê a redescoberta de caminhos, a construção de meios alternativos. A partir de que bases Jesus ordena a pesca durante o dia? Seria ele pescador para compreender as melhores condições de trabalho? E quanto mais Simão, um experiente pescador, sempre dado às ordens com seus sócios, agora estava sendo comandado e desafiado por quem nunca antes havia pescado, ou pelo menos não era profissional.

Mesmo chateado e resmungando Simão obedeceu à ordem de Jesus e o resultado desta aposta no novo método de trabalho foi

¹⁰ José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 595.

tão surpreendente que aquilo que foi apanhado não coube na barca. É neste espaço de tempo e de circunstância que Simão Pedro exclamou, atirando-se aos pés: “afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador” (Lc 5,8). Que mudança incrível! Quem antes não se permitia questionar nem mesmo os métodos e as estratégias de trabalho, agora se reconhece como pecador, inexperiente e incompleto. Por outro lado, a reação de Jesus é surpreendente e desconcertante: “Ele não se assusta em ter em sua companhia um discípulo pecador. Pelo contrário, se Pedro se sente pecador, poderá compreender melhor a sua mensagem de perdão e sua acolhida a pecadores e indesejáveis”¹¹.

Percebe-se esta mesma dinâmica, muitas vezes, no ambiente pastoral, quando se diz ou se pensa: *estamos cansados, as coisas não estão dando certo, não conseguimos resultados animadores... então, porque repetir essas mesmas ações?* Não faltaria aqui, por acaso, aquela “atenção” maior como Jesus nos pede? A ousadia de aceitar seu chamado e o desafio lançado com sua palavra? Antes disso, o olhar para a prática até então desenvolvida com o olhar de Jesus, que permite perceber aquilo que é equívoco. É um processo duro e que gera insegurança, mas necessário.

Trata-se de um itinerário de conversão e de descoberta da própria vocação, do próprio sentido da vida. Quando surge o espaço da fragilidade humana é que desabrocha o chamado vocacional. Não há como desvincular a questão do chamado vocacional do processo de iniciação cristã. Ambas são vocações e, ao mesmo tempo, ambas o próprio itinerário de seguimento. Mas só quem consegue se reconhecer pecador e necessitado é que se encontra apto para o seguimento. Lembra-se também que a iniciação cristã parte do reconhecimento de Jesus e a decisão de segui-lo. São dois momentos conectados com a primazia da experiência de conhecer Jesus. Uma das grandes limitações dos

¹¹ José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 95.

processos de catequese é a apresentação de Jesus aos catecúmenos de uma forma que não gera a intimidade com ele, o que dificulta a decisão de segui-lo.

Em segundo lugar, Pedro iniciou o seu discurso referindo-se a Jesus como “Senhor”. Este era o título que as comunidades cristãs primitivas deram a Jesus ressuscitado. Este mesmo título, em grego é *kyrios* e em latim *domminus*, título atribuído ao imperador romano. Em outras palavras, a partir do reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo é que tem início o processo de seguimento. A confissão pública de Simão Pedro evidencia o senhorio de Jesus, que preside o mundo e a história.

4 NÃO TENHAM MEDO, DE AGORA EM DIANTE VOCÊS SERÃO PESCADORES DE HOMENS

O Papa Bento XVI em seu livro *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo*, nos lembra como Lucas em seu evangelho nos oferece um relato mais elaborado do chamado dos apóstolos, que marca os primeiros passos do ministério de Jesus:

Nele ilustra o caminho da fé dos primeiros discípulos, mostrando que o convite para o seguir chega a eles depois de escutarem a primeira pregação de Jesus e experimentarem as primeiras manifestações prodigiosas realizadas por ele. Em particular a pesca milagrosa constitui o precedente imediato e oferece o símbolo da missão dos pescadores de homens que a eles é confiada. O destino destes “chamados” estará, de agora em diante, intimamente ligado ao destino de Jesus. O apóstolo é um enviado, mas, sobretudo, um profundo conhecedor de Jesus¹².

Ser pescador de homens (v.10) era uma novidade espantosa e, ao mesmo tempo, emblemática para o grupo que estava se formando. Primeiramente, o mar, na compreensão judaica, era a morada do mal, das forças perversas. Logo, o ato de pescar homens tem um caráter missiológico diretamente

¹² BENTO XVI - Joseph Ratzinger, *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo*, p. 93

relacionado. Rinaldo Fabris comenta que: “Lucas, diferente de Marcos, usou um vocábulo grego muito presente no AT, que significa: ‘pegar vivos; ou pegar para a vida. Quer dar a entender que Pedro terá a tarefa de capturar os homens para a vida’”¹³.

Esta nova vocação que Pedro e os seus sócios estavam descobrindo ia se desvelando com um caráter libertador. Eles estavam recebendo a missão de continuar a obra libertadora de Jesus em favor do homem. A sua missão estava se desvelando: lutar contra todo o tipo de mal e de opressão que tira a vida, o sustento e a dignidade das pessoas.

Em outras palavras, o processo de iniciação cristã é carregado de um compromisso intrínseco, que visa a libertação e a salvação do homem da opressão, que deixa o homem morrer afogado no mar do acúmulo, do egoísmo, da miséria e da fome. São os demônios que vão perfazendo o dia-a-dia e as adversidades da vida que precisam ser destruídos. Esta destruição e libertação das forças opressoras se dá, essencialmente pelo anúncio do Reino de Deus, que tem como cerne o reconhecimento do senhorio do Deus Encarnado, que age na história.

Em síntese, a missão do seguidor de Jesus Cristo parece se resumir nos últimos aspectos trabalhados acima: reconhecer-se pecador e limitado; pescar homens para a vida, promovendo a libertação. Quando Pedro enfim confessou a sua limitação e pobreza fez-se espaço para o reconhecimento do senhorio de Jesus e da sua grandeza libertadora. Pagola reflete que existem essencialmente dois modos de viver a culpa e a pequenez. Um modo é se resignando constantemente e carregando um fardo aterrador, pesado e que produz um medo paralisante. Outra forma de viver a culpa é reconhecê-la e integrá-la dentro de um itinerário de crescimento espiritual. Pedro fez este caminho:

De acordo com o relato bíblico, Pedro, acabrunhado por sua indignidade, se lança aos pés de Jesus dizendo: ‘Senhor, afasta-te

¹³ Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

de mim, por que sou um pecador'. A resposta de Jesus não podia ser outra: 'Não temas, não tenhas medo de ser pecador e de estar perto de mim. Esta é a sorte do crente: sabe-se pecador, mas sabe-se ao mesmo tempo aceito, compreendido e amado incondicionalmente por este Deus revelado em Jesus'¹⁴.

No processo de Iniciação à Vida Cristã mostra-se latente a necessidade de trabalhar com as fragilidades humanas, auxiliando o povo a perceber a necessidade da confiança na graça de Deus. É missão da Igreja e de seus agentes ajudar o povo para que tais fragilidades não sejam motivo para um afastamento, para a exclusão religiosa. Um segundo ponto é com relação à missão de ser pescador de homens. Resgatar quem se perdeu nos descaminhos do mar bravio e está em situação de afogamento iminente diante dos projetos opressores e excludentes.

Na iniciação cristã, podemos considerar a vocação de Pedro como "pescador de homens", equivalente à responsabilidade dos agentes de pastoral quando dizem seu sim, para também trabalhar pelo Reino do Senhor e ir em busca de mais seguidores. Podemos, todavia, por esta reação de entrega e de confiança de Pedro, analisar a vocação pela ótica do iniciado na fé, que como Pedro é portador de uma fé que é sujeita à fraqueza, mas que assim como Pedro, pode superar as provas e abrir-se a uma confiança plena naquele que o encantou com seu chamado: Jesus. Nossa vocação, assim como nossa fé, necessita ser renovada a cada dia, pois se trata de um caminho de sofrimento e de amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica da Iniciação à Vida Cristã perfaz um itinerário que exige uma aposta e um cultivo grande da dimensão espiritual. Aliás, quem se decide por ser cristão e assume as reais consequências desta opção, vislumbra um caminho quase que obrigatório diante de si, que é a espiritualidade do seguimento a

¹⁴ José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 99.

Jesus Cristo. Esta espiritualidade se concretiza na gradualidade da maturação do chamado cristão.

Conforme destacado, Pedro percorreu um caminho espiritual no seguimento a Jesus Cristo, muito embora os evangelhos não informem isso explicitamente e nem mesmo durante a redação deste trabalho, exceto agora, buscou-se evidenciar o caminho espiritual que Pedro seguiu. Entretanto, é uma estrada nítida e evidente, íngreme, por sinal, mas comprometedora e frutífera.

Primeiramente, assim como as demais pessoas que estavam às margens do lago, Pedro deve ter se lamentado pelo insucesso da pesca noturna. Aliás, todo aquele povo deveria estar preocupado, pois a pesca não era um simples *hobby*, pelo contrário era a forma como eles ganhavam a vida e sobreviviam. Portanto, aquelas pessoas estavam chorando a triste realidade da falta de alimento.

Em segundo lugar, percebeu-se a ação de Jesus, que se aproximou do choro e das lágrimas de preocupação pela falta de alimento; Jesus tomou partido da dor e da aflição. Em seguida, foi a vez de falar da Palavra de Deus, de ensinar e anunciar, sentado numa das barcas, ou seja, completamente inserido na vida e nos dramas do povo. De tão inserido que Jesus estava na vida do povo ele revelou um novo jeito de pescar.

A nova maneira frutuosa de pescar surtiu efeito imediato e fez com que o experiente pescador reconhecesse que era preciso mudar não apenas de método de trabalho, mas de estilo de vida. Esta tomada de consciência de Pedro foi relatada por Lucas em poucas linhas, mas se aproximando um pouco da área da psicologia e da espiritualidade podemos deduzir que deve ter sido um processo demorado e dolorido, talvez muito semelhante aquele experimentado por São Paulo, quando da sua conversão.

O resultado deste processo de tomada de consciência foi um compromisso comunitário. Pedro não quis e não conseguiu guardar para si a beleza do chamado e da conversão: tornou-se um

libertador de consciências, um pescador de homens para a vida. Aliás, ninguém melhor do que um vocacionado e iniciado na vida cristã, alguém que já fez o caminho de conversão, para compreender os dramas dos irmãos e irmãs que sofrem e ajuda-los neste itinerário que pode ser resumido na fórmula: *iniciação cristã + caminho de conversão + vida vocacional = itinerário de seguimento a Jesus Cristo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI - Joseph Ratzinger. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo. São Paulo: Planeta, 2010.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. ed. rev. e amp. 7. Imp. Tradução “École Biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLINI, José. *Roteiros homiléticos: anos A, B, C, festas e solenidades.* São Paulo: Paulus, 2006.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* Brasília/São Paulo : Edições CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).* Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* Brasília: Edições CNBB, 2015 (Documentos da CNBB, 102).

_____. *Iniciação à Vida Cristã: Um processo de inspiração catecumenal.* 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos de estudo da CNBB, 97).

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal.* 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II : *Constituições, decretos, declarações.* 20ª ed., Petrópolis: Vozes, 1989.

FABRIS, Rinaldo. MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II).* São Paulo: Loyola, 1998.

PAGOLA José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas.* Petrópolis: Vozes, 2012.